

## **Apresentação: Ocupar Desde o Sul?**

Os acontecimentos que marcaram a Primavera Árabe, a partir de janeiro de 2011, inspiraram uma série de manifestações populares em países localizados do Norte ao Sul Global. Movimentos de protesto, de resistência e de “indignação” ocorreram em vários países com diferenciados contextos políticos, econômicos e culturais. O espectro dos protestos atravessou o Atlântico e acampou no coração financeiro dos Estados Unidos, *Wall Street*, em setembro deste mesmo ano. Mesmo as ações do Sul (árabe) e do Norte (europeu e estadunidense) terem sido iniciadas por razões locais e nacionais muito diversas, o fato é que os movimentos sulistas inspiraram manifestantes dos países de capitalismo avançado. Neste sentido, a ocupação do Sul/Norte tem ocorrido desde o Sul.

Em pelo menos três continentes distintos, o ano de 2011 evidenciou as tensões e contradições da convivência entre o capitalismo financeiro internacional e a democracia representativa. Por outro lado, evidenciou que esta mesma democracia representativa, apesar de seus conhecidos limites, foi pensada como um modelo alternativo para regimes historicamente fechados e não liberalizados politicamente, particularmente nos casos do Norte da África e do Oriente Médio. Neste *Zeitgeist* global dos protestos, diversos intelectuais e analistas procuram ainda compreender o significado destes acontecimentos para a renovação da utopia, dos projetos de transformação e da crítica radical.

Certamente, manifestações e mobilizações populares não são uma novidade histórica e política. Entretanto, a sincronia de algumas características no âmbito das mobilizações atuais traz o compartilhamento de alguns elementos comuns: um certo grau de espontaneidade e inter-referência/influência, que não descarta ou anula a experiência e o engajamento prévios das vidas associativas locais; o não alinhamento ou a ressignificação das noções oitocentistas europeias de esquerda e direita; a ocupação e recuperação do potencial democrático das “ruas” como espaço público; o protagonismo de pessoas (indignadas e insatisfeitas) e novos grupos coletivos, em detrimento da presença de organizações tradicionais como partidos políticos, movimentos sociais e sindicatos; uma heterodoxia em termos de performance e expressão – por exemplo, a utilização do corpo e o ativismo sem rosto; a difusão e fragmentação das demandas que indeterminam uma noção clara de projeto político ideológico; a utilização em larga escala das redes sociais do mundo virtual para articulação e mobilização; a denúncia do esgotamento e dos limites do sistema político, tal como hoje se apresenta nas democracias representativas do mundo ocidental; o questionamento da ingerência do sistema econômico e da submissão aos interesses privados em diferentes níveis de governo. Ainda, é importante notar inúmeros episódios de repressão violenta a estes movimentos por parte das forças governantes.

O segundo Dossiê da Revista Sul-Americana de Ciência Política é especialmente dedicado às análises teóricas e empíricas de movimentos de contestação que ocorreram desde a Primavera Árabe de 2011 e que mais recentemente ocuparam também o Brasil. Este número reúne textos de diversas orientações teórico-metodológicas, no âmbito da Ciência Política e das Relações Internacionais. Os mesmos enfocam experiências locais, regionais, nacionais e/ou internacionais de protestos e de ações de desobediência civil em diferentes locais do planeta.

Além disso, o leitor de RSulACP terá oportunidade de ler textos da seção de artigos livres, que seguem logo abaixo ao Dossiê Ocupar desde o Sul.

Desejamos uma ótima leitura e inspiração!

Daniel de Mendonça  
Luciana Ballestrin  
*Editores*